



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI

AUDIÊNCIA GERAL

Praça de São Pedro

Quarta-feira, 18 de Fevereiro de 2009

Beda, o Venerável

Prezados irmãos e irmãs

O Santo do qual hoje nos aproximamos chama-se Beda e nasceu no Nordeste da Inglaterra, exactamente na Northumbria, no ano de 672/673. Ele mesmo narra que com sete anos de idade os seus parentes o confiaram ao abade do vizinho mosteiro beneditino para que fosse educado: "Neste mosteiro ele recorda desde então sempre vivi, dedicando-me intensamente ao estudo da Escritura e, enquanto eu observava a disciplina da *Regra* e o compromisso quotidiano de cantar na igreja, sempre me aprouve aprender, ou ensinar ou escrever" (*Historia eccl. Anglorum*, v, 24). Com efeito, Beda tornou-se uma das figuras mais insignes de erudito da alta Idade Média, podendo valer-se dos muitos manuscritos preciosos que os seus abades, voltando das viagens frequentes ao continente e a Roma, lhe traziam. O ensinamento e a fama dos escritos proporcionaram-lhes muitas amizades com as principais personalidades do seu tempo, que o encorajaram a continuar o seu trabalho, do qual muitos beneficiavam. Tendo adoecido, não parou de trabalhar, conservando sempre uma alegria interior que se expressava na oração e no canto. Concluía a sua obra mais importante, a *Historia ecclesiastica gentis Anglorum*, com esta invocação: "Peço-te, ó bom Jesus, que benevolmente me permitiste haurir as dóceis palavras da tua sabedoria, concede-me benigno que um dia eu chegue a ti, fonte de toda a sabedoria, e que eu permaneça sempre diante do teu rosto". A morte arrebatou-o a 26 de Maio de 735: era o dia da Ascensão.

As Sagradas Escrituras são a fonte constante da reflexão teológica de Beda. Tendo em consideração um atento estudo crítico do texto (chegou até nós um exemplar do monumental *Codex Amiatinus* da Vulgata, no qual Beda trabalhou), ele comenta a Bíblia, lendo-a em chave cristológica, ou seja, reúne duas coisas: por um lado, ouve exactamente o que o texto diz, quer

realmente ouvir, compreender o próprio texto; por outro, está convencido de que a chave para compreender a Sagrada Escritura como única Palavra de Deus é Cristo e com Cristo, na sua luz, compreende-se o Antigo e o Novo Testamento como "uma" Sagrada Escritura. As vicissitudes do Antigo e do Novo Testamento caminham juntas, são um caminho rumo a Cristo, embora sejam expressas com diferentes sinais e instituições (aquela à qual ele chama *concordia sacramentorum*). Por exemplo, a tenda da aliança que Moisés levantou no deserto e o primeiro e segundo templo de Jerusalém são imagens da Igreja, novo templo edificado sobre Cristo e os Apóstolos com pedras vivas, cimentadas pela caridade do Espírito. E como para a construção do antigo templo contribuíram também pessoas pagãs, pondo à disposição materiais preciosos e a experiência técnica dos seus mestres-de-obras, assim para a edificação da Igreja contribuem apóstolos e mestres provenientes não apenas das antigas linhagens judaica, grega e latina, mas também dos novos povos, entre os quais apraz a Beda enumerar os Iro-Celtas e os Anglo-Saxões. São Beda vê crescer a universalidade da Igreja, que não é limitada a uma determinada cultura, mas compõe-se de todas as culturas do mundo que devem abrir-se a Cristo e encontrar nele o seu ponto de chegada.

Outro tema apreciado por Beda é a história da Igreja. Depois de se ter interessado pela época descrita nos *Actos dos Apóstolos*, ele volta a percorrer a história dos Padres e dos Concílios, persuadido de que a obra do Espírito Santo continua na história. Nos *Chronica Maiora* Beda delinea uma cronologia que se tornará a base do Calendário universal "*ab incarnatione Domini*". Já desde então calculava-se o tempo a partir da fundação da cidade de Roma. Vendo que o verdadeiro ponto de referência, o centro da história, é o nascimento de Cristo, Beda transmitiu-nos este calendário que lê a história a partir da Encarnação do Senhor. Registra os primeiros seis Concílios Ecuménicos e os seus desenvolvimentos, apresentando fielmente a doutrina escatológica, mariológica e soteriológica, e denunciando as heresias monofisita e monotelita, inconolasta e neopelagiana. Enfim, redige com rigor documentário e perícia literária a já mencionada *História Eclesiástica dos Povos Anglos*, pela qual é reconhecido como "o pai da historiografia inglesa". Os traços característicos da Igreja que Beda gostava de evidenciar são: a) *a catolicidade* como fidelidade à tradição e, ao mesmo tempo, abertura aos desenvolvimentos históricos, e como busca da unidade na multiplicidade, na diversidade da história e das culturas, segundo as directrizes que o Papa Gregório Magno tinha dado ao Apóstolo da Inglaterra, Agostinho de Canterbury; b) *a apostolicidade e a romanidade*: a este propósito, considera de primeira importância convencer todas as Igrejas Iro-Celtas e dos Pitti a celebrar unitariamente a Páscoa segundo o calendário romano. O *Cálculo* por ele cientificamente elaborado para estabelecer a data exacta da celebração pascal, e por isso todo o ciclo do ano litúrgico, tornou-se o texto de referência para toda a Igreja católica.

Beda foi também um insigne mestre de teologia litúrgica. Nas *Homilias* sobre os Evangelhos dominicais e festivos, desempenha uma verdadeira mistagogia, educando os fiéis para celebrar alegremente os mistérios da fé para os reproduzir de maneira coerente na vida, à espera da sua plena manifestação na volta de Cristo quando, com os nossos corpos glorificados, seremos

admitidos em procissão ofertorial na liturgia eterna de Deus no céu. Seguindo o "realismo" das catequeses de Cirilo, Ambrósio e Agostinho, Beda ensina que os sacramentos da iniciação cristã constituem cada fiel "não só cristão, mas Cristo". Com efeito, cada vez que uma alma fiel acolhe e conserva com amor a Palavra de Deus, à imitação de Maria, concebe e gera novamente Cristo. E cada vez que um grupo de neófitos recebe os sacramentos pascais, a Igreja "gera-se a si mesma" ou, com uma expressão ainda mais ousada, a Igreja torna-se "mãe de Deus", participando na geração dos seus filhos, por obra do Espírito Santo.

Graças a este seu modo de fazer teologia, entrelaçando Bíblia, Liturgia e História, Beda tem uma mensagem actual para os diversos "estados de vida": a) aos estudiosos (*doctores ac doctrices*) recorda duas tarefas essenciais: perscrutar as maravilhas da Palavra de Deus para as apresentar de forma atraente aos fiéis; expor as verdades dogmáticas, evitando as complicações eréticas e seguindo a "simplicidade católica", com a atitude dos pequenos e humildes, aos quais Deus desejou revelar os mistérios do Reino; b) os pastores, por sua vez, devem dar prioridade à pregação, não apenas mediante a linguagem verbal ou hagiográfica, mas valorizando também ícones, procissões e peregrinações. A eles, Beda recomenda o uso da língua vulgar, como ele mesmo faz, explicando em Northumbro o "Pai-Nosso", o "Credo" e continuando até ao último dia da sua vida o comentário, em vulgar, ao Evangelho de João; c) às pessoas consagradas que se dedicam ao Ofício divino, vivendo na alegria da comunhão fraterna e progredindo na vida espiritual mediante a ascese e a contemplação, Beda recomenda que se cuide do apostolado ninguém tem o Evangelho só para si, mas deve senti-lo como um dom também para os outros quer colaborando com os Bispos em actividades pastorais de vários tipos a favor das jovens comunidades cristãs, quer tornando-se disponíveis para a missão evangelizadora junto dos pagãos, fora do próprio país, como "*peregrini pro amore Dei*".

Colocando-se nesta perspectiva, no comentário ao *Cântico dos Cânticos* Beda apresenta a Sinagoga e a Igreja como colaboradoras na difusão da Palavra de Deus. Cristo Esposo quer uma Igreja diligente, "bronzeadada pelos cansaços da evangelização" é clara a referência à palavra do Cântico dos Cânticos (1, 5), onde a esposa diz: *Nigra sum sed formosa* (Sou morena, mas formosa) empenhada a arar outros campos ou vinhas e a estabelecer entre as novas populações "não uma cabana provisória, mas uma morada estável", ou seja, a inserir o Evangelho no tecido social e nas instituições culturais. Nesta perspectiva, o Santo Doutor exorta os fiéis leigos a serem assíduos na instrução religiosa, imitando as "insaciáveis multidões evangélicas, que não deixavam tempo aos Apóstolos nem sequer para comer". Ensina-lhes a rezar continuamente, "reproduzindo na vida aquilo que celebram na liturgia", oferecendo todas as acções como sacrifício espiritual em união com Cristo. Aos pais explica que também no seu pequeno âmbito doméstico podem exercer "o ofício sacerdotal de pastores e de guias", formando cristãmente os filhos, e afirma que conhece muitos fiéis (homens e mulheres, casados ou solteiros), "capazes de uma conduta irrepreensível que, se forem oportunamente acompanhados, poderia aproximar-se todos os dias da comunhão eucarística" (*Epist. ad Ecgberctum*, ed. Plummer, pág. 149).

A fama de santidade e sabedoria de que Beda gozava já durante a vida levou-o a ganhar o título de "Venerável". Chama-lhe assim também o Papa Sérgio I quando, em 701, escreve ao seu abade pedindo que lhe permita vir temporariamente a Roma para consultas sobre questões de interesse universal. Depois da morte, os seus escritos foram difundidos amplamente na Pátria e no Continente europeu. O grande missionário da Germânia, o Bispo São Bonifácio (+ 754), pediu várias vezes ao Arcebispo de York e ao abade de Wearmouth que fizessem transcrever algumas das suas obras e lhas mandassem, de tal modo que também ele e os seus companheiros pudessem gozar da luz espiritual que delas emanava. Um século mais tarde Notkero Galbulo, abade de São Galo (+ 912), reconhecendo o extraordinário influxo de Beda, comparou-o com um novo sol que Deus tinha feito nascer, não do Oriente mas do Ocidente, para iluminar o mundo. À parte a ênfase retórica, o facto é que, com as suas obras, Beda contribuiu eficazmente para a construção de uma Europa cristã, em que as diferentes populações e culturas se amalgamaram entre si, conferindo-lhes uma fisionomia unitária, inspirada na fé cristã. Oremos para que também hoje haja personalidades da estatura de Beda, para manter todo o Continente unido; rezemos a fim de que todos nós estejamos disponíveis a redescobrir as nossas raízes comuns, para sermos construtores de uma Europa profundamente humana e autenticamente cristã.

Saudação

Amados peregrinos de língua portuguesa, queridos estudantes brasileiros de Criciúma, possa a vossa vinda a Roma cumprir-se nas vestes de um verdadeiro peregrino que, sabendo que não possui ainda o seu Bem maior, se põe a caminho decidido a encontrá-lo! Sabei que Deus se deixa encontrar por quantos assim o procuram; e, com Ele e n'Ele, a vossa vida não poderá deixar de ser feliz. Sobre vós e vossas famílias desça a minha Bênção.

© Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana